

ISSN: 2316-6517

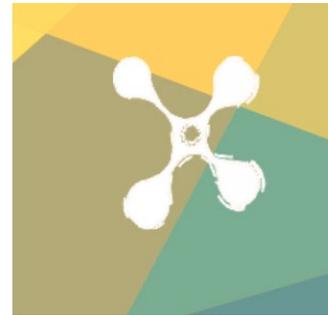


**International Journal of Knowledge  
Engineering and Management**

v. 11 n. 29, 2022.

[ijkem.ufsc.br](http://ijkem.ufsc.br)





**International Journal of Knowledge Engineering and Management,**

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

• ISSN 2316-6517 •

• DOI: 1029327 •

## **ANÁLISE HISTÓRICA E EPISTEMOLÓGICA DO VOCÁBULO CONHECIMENTO E DE TEORIAS QUE SUBSIDIAM OS FENÔMENOS RELACIONADOS A GESTÃO DO CONHECIMENTO**

**MARTA LÍGIA POMIM VALENTIM**

Doutora em Ciência da Informação  
Universidade Estadual Paulista (UNESP)

[marta.valentim@unesp.br](mailto:marta.valentim@unesp.br)

<https://orcid.org/0000-0003-4248-5934>

**LILLIAN MARIA ARAUJO DE REZENDE ALVARES**

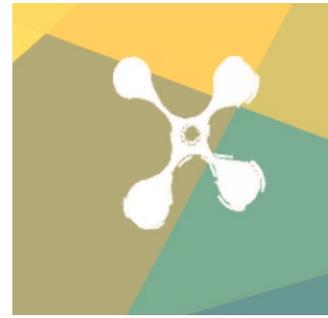
Doutora em Ciência da Informação  
Universidade de Brasília (Universidade de Brasília)

[lillianalvares@unb.br](mailto:lillianalvares@unb.br)

<https://orcid.org/0000-0002-8920-0150>

Submissão: 19 dezembro 2022. Aceitação: 10 fevereiro 2023.  
Sistema de avaliação: duplo cego (*double blind review*).  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)





International Journal of Knowledge Engineering and Management,

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

• ISSN 2316-6517 •

• DOI: 1029327 •

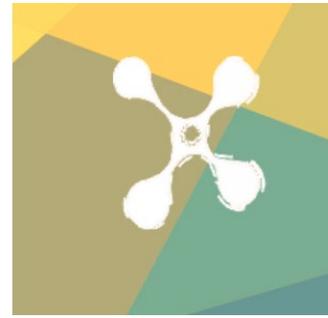
## ANÁLISE HISTÓRICA E EPISTEMOLÓGICA DO VOCÁBULO CONHECIMENTO E DE TEORIAS QUE SUBSIDIAM OS FENÔMENOS RELACIONADOS A GESTÃO DO CONHECIMENTO

### Resumo

**Objetivo:** realizar uma análise histórica e epistemológica do vocábulo 'conhecimento' e de teorias que subsidiam os fenômenos relacionados a gestão do conhecimento.

**Design|Metodologia|Abordagem:** o procedimento metodológico adotado para a elaboração desta revisão utiliza a revisão narrativa, em que o recorte baseia-se no consenso e na crítica das autoras sobre a produção científica disponível e a análise descritiva. **Resultados:** apresenta a etimologia do vocábulo 'conhecimento' iniciando na antiguidade até o Século XXI, destacando as correntes teóricas do conhecimento e as compreensões sobre a expressão gestão do conhecimento. **Originalidade|Valor:** a expressão gestão do conhecimento recebeu aporte histórico e teórico dos significados identificados, somada à carga semântica dos estudos organizacionais que já reúnem.

**Palavras-chave:** Etimologia. Conhecimento. Teorias do conhecimento. Gestão do conhecimento.



**International Journal of Knowledge Engineering and Management,**

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

• ISSN 2316-6517 •

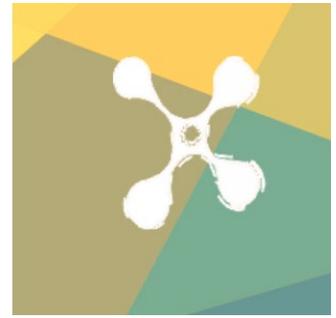
• DOI: 1029327 •

## **HISTORICAL AND EPISTEMOLOGICAL ANALYSIS OF THE WORD KNOWLEDGE AND THE THEORIES THAT SUBSIDY THE PHENOMENA RELATED TO KNOWLEDGE MANAGEMENT**

### **Abstract**

**Goal:** the objective of this research is to carry out a historical and epistemological analysis of the word 'knowledge' and the theories that support the phenomena related to knowledge management. **Design|Methodology|Approach:** the methodological procedure adopted refers to a Narrative Review, based on the authors' consensus and criticism of the available scientific production, which considers the experience and evaluation of experts, familiar with the evidence of the accumulated knowledge in the area. **Results:** presents the etymology of the word 'knowledge' starting in antiquity until the 21st century, highlighting the theoretical currents of knowledge and understandings about the expression knowledge management. **Originality|Value:** the expression knowledge management received historical and theoretical support from the identified meanings, added to the semantic load of organizational studies that already gather.

**Keywords:** Etymology. Knowledge. Knowledge Theories. Knowledge Management.



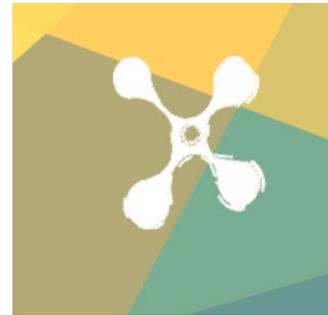
## 1. Introdução

O conhecimento representa o elemento de impulso para as mudanças que moldam as trajetórias de organização da sociedade. A condição da humanidade é a capacidade de pensar e com isso configurar as estruturas de organização da sociedade. O fluxo de informações, as rupturas entre um período histórico e a diversidade de discursos científicos estabelece uma configuração de abordagens teóricas para a análise e interpretação do campo do conhecimento. A contemporaneidade e as transformações tecnológicas estabelecem novos paradigmas entre a relação da inteligência e suas diferentes faces. As formas de produção do conhecimento originadas neste contexto podem ser amparadas em bases teóricas fundamentais explicadas nesta revisão.

Morin (1999, p. 16) expressa que “A noção de conhecimento nos parece uma e evidente. Mas, desde que a questionamos, ela se fragmenta, diversifica-se, multiplica-se em inúmeras noções, cada uma gerando uma nova interrogação”. O trecho citado conduz a compreensão de que a realidade e as experiências, enquanto objetos de pesquisa, são interpretadas através de distintas ações oriundas de pesquisas científicas com base em premissas testadas para viabilizar um campo de respostas através de visões teóricas apropriadas.

Neste sentido, na era das inovações tecnológicas há uma ampla gama de teorias que validam cientificamente através de conceitos e taxonomias a realidade e as configurações contemporâneas que moldam o conhecimento e seu amplo alcance na vida dos indivíduos e nas organizações.

Justifica-se, compreender a evolução histórica e epistemológica entre o vocábulo ‘conhecimento’, em paralelo, as teorias que subsidiam a gestão do conhecimento.



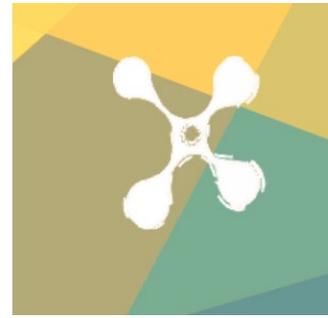
Por isso, o objetivo geral desta investigação é realizar uma breve revisão descritiva histórica e epistemológica do vocábulo 'conhecimento' e de teorias que subsidiam os fenômenos relacionados a gestão do conhecimento. A metodologia utiliza uma revisão narrativa com base na produção científica, consensualmente, consagrada entre os pares da literatura que discutem o tema. Esta apresentação da parte 1 do dossiê está organizado com a introdução, a seção 2 apresenta a fundamentação teórica, e por fim, a conclusão.

## **2. Fundamentação teórica**

### **2.1. Conhecimento**

O conhecimento tem sido objeto de investigação em diferentes campos científicos como a Filosofia (Teoria do Conhecimento), a Sociologia (Sociologia do Conhecimento), a Biologia (Biologia do Conhecimento), Ciências Cognitivas (Psicologia Cognitiva, Filosofia da Mente), entre outros. Nessa perspectiva, o conhecimento se constitui em elemento crucial na relação entre dados e informação. Por isso, é essencial considerar a complexidade relacionada a esses objetos e aos fenômenos a eles vinculados.

Nos tratados de etimologia o termo conhecimento tem sua origem no latim da Roma Antiga. O termo *cognoscere* formado por, com e *gnoscere*, constitui respectivamente, junto e obter conhecimento. Destaca-se a relação do termo conhecimento com os termos saber e inteligência, ambos, também oriundos do latim *sapere*, que percebe o mundo de modo organizado, usando os sentidos, a intuição e *intelligentia*, que reflete a compreensão ou a capacidade de entender.



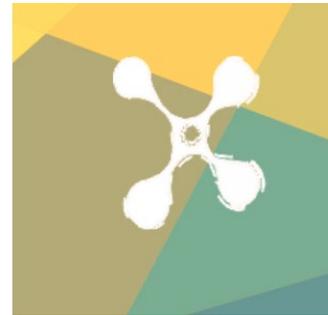
Maturana e Varela (2001, p. 35) explicam que “conhecer é uma ação efetiva, ou seja, uma efetividade operacional no domínio da existência do ser vivo”. No intuito de melhor detalhar o significado de conhecer, descrevem:

- I. Fenômeno a explicar: ação efetiva do ser vivo em seu meio ambiente;
- II. Hipótese explicativa: organização autônoma do ser vivo. Deriva filogenética e ontogenética, com conservação da adaptação (acoplamento estrutural);
- III. Dedução de outros fenômenos coordenação comportamental nas interações recorrentes entre seres vivos e coordenação comportamental recursiva sobre a coordenação comportamental;
- IV. Observações adicionais: fenômenos sociais, domínios linguísticos, linguagem e autoconsciência” (Maturana & Varela, 2001, p. 35).

Compreende-se ‘conhecimento’ como aquele gerado por um sujeito cognoscente e dependente de condições cognitivas, biológicas, físico-químicas e socioculturais para sua construção. Além disso, destaca-se a linguagem e a socialização que possibilitam aos outros e ao próprio sujeito conhecer o que conhecem.

Para Morin (1999, p. 18) o conhecimento comporta necessariamente:

- a) uma competência (aptidão para produzir conhecimentos);
- b) uma atividade cognitiva (cognição), realizando-se em função da competência;
- c) um saber (resultante dessas atividades). As competências e atividades cognitivas humanas necessitam de um aparelho cognitivo, o cérebro, que é uma formidável máquina biofísico-química; esta necessita da existência biológica de um indivíduo; as aptidões cognitivas humanas só podem desenvolver-se no seio de uma cultura que produziu, conservou, transmitiu uma linguagem, uma lógica, um capital de saberes, critérios de verdade. É nesse quadro que o espírito



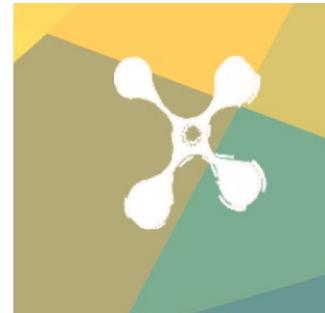
humano elabora e organiza o seu conhecimento utilizando os meios culturais disponíveis.

Além da compreensão conceitual sobre conhecimento resgata-se a importância de revisar, sucintamente, a Teoria do Conhecimento. Com ênfase para as correntes teóricas que embasam a compreensão sobre o conhecimento humano.

O quadro 1 apresenta uma síntese da evolução da teoria do conhecimento a partir da idade moderna.

**Quadro 1** – Evolução da teoria do conhecimento.

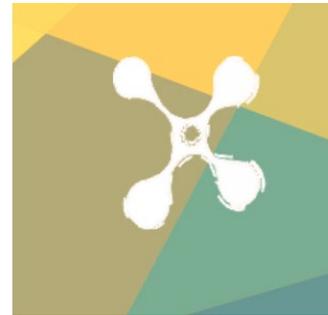
Pensador	Fundamentação teórica
Platão (427-347 a. C.)	Filosofia baseada na teoria de que o mundo que percebemos com nossos sentidos é um mundo ilusório, o que existe verdadeiramente são as ideias, que só a razão pode conhecer.
René Descartes (1596 - 1650)	Fundação do pensamento cartesiano, que dá origem a filosofia moderna.
John Locke (1632-1704)	Empirismo: o conhecimento era determinado pela experiência, tanto de origem externa, nas sensações, quanto interna, a partir das reflexões. Publicou em 1690 'An essay concerning human understanding'.
Gottfried Leibniz (1646-1716)	Refuta os argumentos de Locke. Publicou em 1765 'Nouveaux essais sur l'entendement humain'
George Berkeley (1685-1753)	Imaterialismo: avanço do idealismo subjetivista. Com a compreensão de que a única realidade são as próprias sensações. Assim, os objetos existem na medida em que são percebidos. Publicou em 1739 'A treatise on human nature'
David Hume (1711-1776)	Empirismo: sistema filosófico baseado no empirismo, ceticismo e naturalismo. Criou o "fenomenismo", a teoria filosófica que contraria as crenças naturais e do sentido comum. Publicou em 1739 'A treatise on human nature' e em 1748 'Enquiry concerning human undersating'



Pensador	Fundamentação teórica
Immanuel Kant (1724-1804)	Fundação da “filosofia crítica”, o sistema também conhecido como “idealismo transcendental”, que significa aquilo que é anterior a toda experiência. Distingue duas formas de saber: o conhecimento empírico, que tem a ver com as percepções dos sentidos, isto é, posteriores à experiência; e o conhecimento puro, aquele que não depende dos sentidos, independente da experiência, ou seja, a priori, universal e necessário. Investiga a gênese do conhecimento (Hessen, 2000). Publicou em 1781 ‘Kritik der reinen vernunft’.
William James (1842-1910)	Criação da escola filosófica denominada pragmatismo. Filosofia pragmática, iniciada por seu compatriota Charles Sanders Peirce e inspirada no empirismo e utilitarismo britânicos. Todo conceito se fundamenta na experiência, e tem um fim, uma utilidade.
Hermann Cohen (1842-1918)	Escola de Marburgo: seu fundador foi Hermann Cohen (1842-1918) que retorna a Kant e afirma que a objetividade da ciência se fundamenta no a priori (Neokantismo ou Neocriticismo).
Edmund Husserl (1859-1938)	Fundação do movimento filosófico denominado de Fenomenologia. Em seu trabalho desenvolveu uma ciência sistemática baseada na chamada redução fenomenológica. Argumentando que a consciência transcendental estabelece os limites de todo conhecimento possível.

Fonte: Elaboração a partir de informações coletadas em 12 de agosto de 2022 de <https://www.ebiografia.com>.

O quadro 2 apresenta como a Teoria do Conhecimento pode ser compreendida através das possibilidades do conhecimento, origem do conhecimento e essência do conhecimento.



**Quadro 2** – Estrutura da teoria do conhecimento.

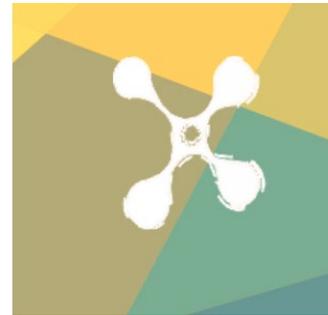
Estrutura	Categorias
Possibilidades do conhecimento	Dogmatismo, ceticismo, subjetivismo, relativismo, pragmatismo e criticismo.
Origem do conhecimento	Racionalismo, empirismo, intelectualismo e apriorismo.
Essência do conhecimento e soluções pré-metafísicas	Objetivismo e subjetivismo.
Essência do conhecimento e das soluções metafísicas	Realismo, idealismo e fenomenalismo.

Fonte: Hessen, 2000

As possibilidades do conhecimento no âmbito do Dogmatismo, o sujeito apreende o objeto. Ou seja, “Esse ponto de vista é sustentado por uma confiança na razão humana que ainda não foi acometida por nenhuma dúvida” (Hessen, 2000, p.27). Por outro lado, o Ceticismo defende que o sujeito não é capaz de apreender o objeto, isto é, “Enquanto o dogmatismo de um certo modo desconsidera o sujeito, o ceticismo não enxerga o objeto” (Hessen, 2000, p. 31).

O Subjetivismo evidencia a validade da verdade ao sujeito que conhece, por outro lado o Relativismo estabelece que a verdade é relativa, ou seja, sua validade é restrita. Nesse sentido, para o Subjetivismo o conhecimento humano depende “de fatores que residem no sujeito cognoscente” e, ao contrário, para o Relativismo há a dependência de fatores externos ao sujeito cognoscente. Ambos defendem que não há nenhuma verdade universalmente válida (Hessen, 2000, p. 37-38).

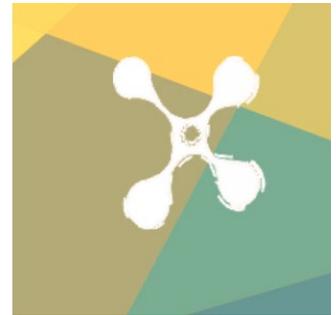
O Pragmatismo, criado por William James, defende que “o homem é, um ser prático, dotado de vontade, ativo, e não um ser pensante teórico. Seu intelecto está totalmente



a serviço de seu querer e de seu agir” (Hessen, 2000, p. 40). Por último, o Criticismo “junta à confiança no conhecimento humano em geral uma desconfiança com relação a qualquer conhecimento determinado. Ele põe a prova toda afirmação da razão humana e nada aceita inconscientemente” (Hessen, 2000, p. 43).

Em relação a origem do conhecimento, o Racionalismo defende o pensamento como principal fonte de conhecimento. Rene Descartes um dos representantes desta corrente ressalta que “há em nós um certo número de conceitos inatos, conceitos que são, na verdade, os mais importantes, fundamentadores do conhecimento” (Hessen, 2000, p. 50). O Empirismo, ao contrário do Racionalismo, defende que o conhecimento é oriundo da experiência. Locke e Hume representantes desta corrente compreendiam que “a consciência cognoscente retira seus conteúdos inteiramente da experiência” (Hessen, 2000, p. 57). O Intelectualismo corrente mediadora entre o Racionalismo e o Empirismo ressalta a importância de ambas as possibilidades no que se refere a origem do processo de construção de conhecimento. Por último o Apriorismo, também considerada uma corrente mediadora entre o Racionalismo e o Empirismo, entretanto enquanto o Intelectualismo atribui a origem do conhecimento à experiência, o Apriorismo a atribui à razão (Hessen, 2000).

Quanto a essência do conhecimento no que se refere as soluções pré-metafísicas, o Objetivismo reforça que o elemento essencial na relação do conhecimento é o objeto, ou seja, para esta corrente o objeto determina o sujeito. Platão foi o representante fundador desta corrente e compreendia que “as ideias são realidades objetivamente dadas”. Edmund Husserl outro representante desta corrente denomina as ideias de Platão de essência ou essencialidade (Hessen, 2000). Para o Subjetivismo o conhecimento está ancorado no sujeito. Segundo a Escola de Marburgo “*não há*



*nenhum ser real independente do pensamento, mas apenas um ser conceitual*  
(Hessen, 2000, p.73).

No que tange a essência do conhecimento quanto as soluções metafísicas, o Realismo defende que há coisas reais independentemente da consciência. Por outro lado, o Idealismo compreende que não há coisas reais independentes da consciência.

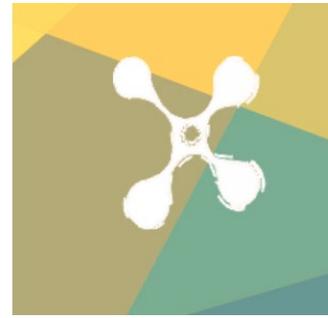
Por último, o Fenomenalismo destaca que “não conhecemos as coisas como são, mas como nos aparecem. Certamente existem coisas reais, mas não somos capazes de conhecer sua essência” (Hessen, 2000, p. 86).

## **2.2. Inter-relações entre informação, conhecimento e sociedade**

A relação entre conhecimento e informação é um fato, conforme explica Morin (2003, p. 98): “conhecer comporta “informação”, ou seja, possibilidade de responder incertezas, mas o conhecimento não se reduz a informações; ele precisa de estruturas teóricas para dar sentido às informações”.

O sujeito cognoscente perpassa diferentes níveis informacionais, conforme explica Wurman (1995, p. 47): ‘informação interna’ que se constitui nas mensagens cerebrais que governam os sistemas internos do próprio organismo; ‘informação conversacional’ que se constitui nas trocas formais ou informais como, por exemplo, conversas, reuniões etc. ; ‘informação de referência’ que se constitui no conhecimento desenvolvido ao longo do tempo pelo homem [Ciência]; ‘informação noticiosa’ que se refere aos fatos e eventos da atualidade e comunicados em distintos canais e mídias; ‘informação cultural’ que se refere ao conhecimento de mundo produzido pelo próprio sujeito cognoscente.

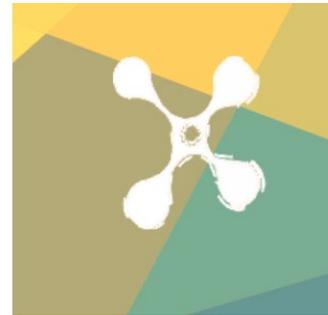
Observa-se que o sujeito cognoscente necessita interagir com informações geradas em diferentes situações e contextos para construir conhecimento e agir no mundo.



Nessa perspectiva, Ilharco (2003) também compreende que o sujeito cognoscente perpassa distintos níveis informacionais e explica que a informação pode ser formal ou informal, bem como pode ser objetiva ou subjetiva. A informação como objeto ou coisa [objetiva e formal], cuja natureza é funcionalista, é inter-relacionada aos processos, atividades e tarefas; a informação como poder [objetiva e informal], cuja natureza é estruturalista, gera diferenciais frente a uma dada situação ou perspectiva; a informação como emancipação [subjetiva e formal], cuja natureza é humanista, possibilita aos sujeitos organizacionais a aprendizagem contínua para realizarem distintas ações; a informação como 'significado' [subjetiva e informal], cuja natureza é interpretativa, se refere aos processos cognitivos realizados pelo sujeito cognoscente para construir conhecimento.

Um dos primeiros textos que estabelecem a inter-relação entre dados, informação e conhecimento é o artigo de Ackoff (1989) denominado '*From data to wisdom*'. Para este autor, dados são símbolos que representam propriedades de objetos, eventos e seus ambientes, são produtos da observação; as informações estão contidas em descrições, são inferidas a partir de dados. Dados não possuem valor até que sejam processados em uma forma utilizável (ou seja, relevante); conhecimento se refere ao *know-how*, é o que possibilita a transformação da informação em instruções. O conhecimento pode ser obtido de duas maneiras: por transmissão de outro que o possui ou por extraí-lo da experiência, em ambos os casos, a aquisição de conhecimento está relacionada a aprendizagem.

Davenport e Prusak (1998a) sistematizaram algumas diferenças entre dados, informação e conhecimento: dados são simples observações sobre o estado do mundo, facilmente estruturados, obtidos por máquinas, frequentemente quantificáveis e facilmente transferíveis; informação se constituem em dados dotados de relevância e



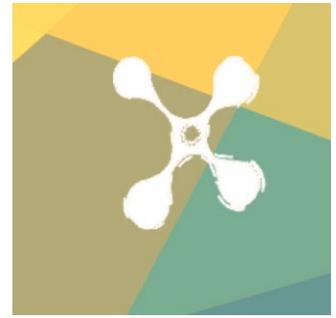
propósito, requerem unidade de análise, exige consenso em relação ao significado e exige necessariamente a mediação humana; conhecimento se constitui em informação valiosa da mente humana, inclui reflexão, síntese, contexto, de difícil estruturação, captura em máquinas, frequentemente tácito, de difícil transferência.

Wiig (1993, p. 66) estabelece algumas diferenças entre informação e conhecimento: o conhecimento consiste em verdades e crenças, perspectivas e conceitos, julgamentos e expectativas, metodologias e know-how. O conhecimento é acumulado, organizado, integrado e mantido por períodos mais longos para estar disponível e ser aplicado para lidar com situações e problemas específicos. A informação consiste em fatos e dados organizados para descrever uma situação ou condição particular. O conhecimento é posteriormente aplicado para interpretar as informações disponíveis sobre uma determinada situação e decidir como gerenciá-la. Usamos o conhecimento para determinar o que a situação ou condição significa.

O termo 'conhecimento tácito' é atribuído a Michael Polanyi<sup>1</sup> em sua obra '*Personal Knowledge: Towards a post-critical Philosophy*', publicada em 1958. Posteriormente, em sua obra '*The Tacit Dimension*', publicada em 1966, explica que conhecimento tácito se refere a um tipo de conhecimento que não é capturado pela linguagem ou pela matemática. Segundo este autor, o sujeito cognoscente sabe que o possui, no entanto não sabe descrevê-lo por meio da linguagem, entretanto sabe colocá-lo em ação. Nessa

---

1 Michael Polanyi (1891-1976), um dos filósofos das ciências mais inovadores do século 20. Seu primeiro grupo de ensaios filosóficos apareceu em 1946 sob o título *Science, Faith, and Society* (Oxford University Press, Oxford, 1946), seguido por *Personal Knowledge: Towards a Post-Critical Philosophy* (University of Chicago Press, Chicago, 1958), *The Tacit Dimension* (Doubleday, Nova York, 1966), entre outros volumes. Acesso em 12 de agosto, 2022, de [https://www.hyle.org/journal/issues/8-2/bio\\_nye.html](https://www.hyle.org/journal/issues/8-2/bio_nye.html)



perspectiva, o conhecimento tácito é compreendido em oposição às formas simbólicas de representação (Polanyi, 1983).

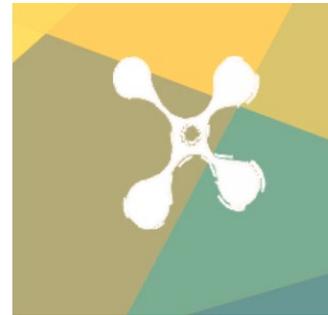
No contexto do 'conhecimento tácito', observa-se que há uma aproximação com o termo '*know-how*', mesmo ao se considerar os vários significados atribuídos: expertise, conhecimento, experiência, proficiência, competência, bom senso, habilidade, capacidade, habilidade, engenhosidade, destreza, aptidão, destreza, talento, entre outros (Online Etymology Dictionary).

Polanyi (1962; 1983) alicerçado nos estudos da Psicologia Cognitiva destaca que os termos 'conhecimento tácito', 'conhecimento implícito' e 'conhecimento inconsciente' são sinônimos. Além disso, Polanyi (1966) acredita que o conhecimento tácito não pode ser convertido em conhecimento explícito.

Agora vemos o conhecimento tácito oposto ao conhecimento explícito; mas estes dois não estão nitidamente separados. Enquanto o conhecimento tácito pode ser possuído por si mesmo, o conhecimento explícito depende de ser tacitamente entendido e aplicado. Portanto, todo conhecimento é tácito ou enraizado no conhecimento tácito. Um conhecimento totalmente explícito é impensável (Polanyi, 1966, p.7, tradução livre).

Em concordância a compreensão de Polanyi (1966), acredita-se que o sujeito cognoscente explicita apenas parte do que conhece, porque ele mesmo não tem consciência de tudo que conhece, ou seja, parte do conhecimento reside no inconsciente, contudo se por alguma razão é trazido à consciência este poderá ser explicitado, mas ainda assim, apenas parte.

Abel (2014) explica que o conceito amplo de conhecimento pode significar:

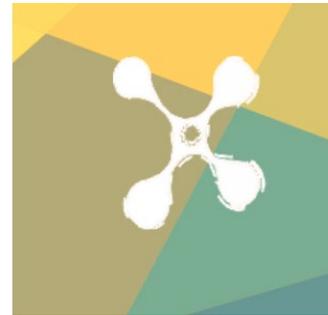


(i) as habilidades envolvidas em apreender adequadamente o que está acontecendo e sobre o que são várias coisas (por exemplo, um gesto, uma imagem, uma frase). [...]; (ii) domínio das capacidades humanas básicas, competências, habilidades, habilidades, práticas e proficiências.

Para Piaget (2003, p. 15) “conhecer não consiste, com efeito, em copiar o real, mas em agir sobre ele e transformá-lo [...]”. Do mesmo modo, Maturana e Varela (2001, p. 149-150,151) já destacavam que:

De fato, por um lado temos a armadilha de supor que o sistema nervoso funciona com representações do mundo. É uma cilada, porque nos cega para a possibilidade de explicar como funciona o sistema nervoso, momento a momento, como um sistema determinado e com clausura operacional, [...] por outro lado, temos a outra armadilha, que nega o meio circundante e supõe que o sistema nervoso funciona totalmente no vazio, o que leva a concluir que tudo vale e tudo é possível. [...] O problema começa quando passamos sem perceber, de um domínio para o outro, e começamos a exigir que as correspondências que podemos estabelecer entre eles – pois podemos ver os dois ao mesmo tempo – façam de fato parte do funcionamento da unidade: nesse caso, o organismo e o sistema nervoso. Se mantivermos límpida a nossa contabilidade lógica, essa complicação se dissipará. Tomaremos consciência dessas duas perspectivas e as relacionaremos num domínio mais abrangente por nós estabelecido.

Vigotski (1998, p.7) explica que “A transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho”. A dinâmica ora mencionada requer o uso da linguagem, aqui entendida de modo lato, para que o conhecimento tácito



possa ser em parte explicitado. Ainda, segundo Vigotski (1998, p.7) “Somente assim a comunicação torna-se, de fato, possível, pois a experiência do indivíduo encontra-se apenas em sua própria consciência e é, estritamente falando, não comunicável”.

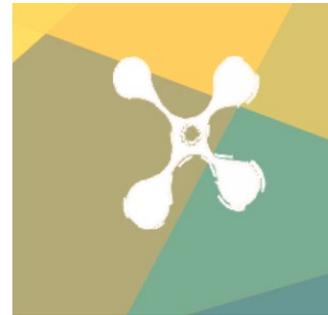
A relação entre pensamento e linguagem para a construção de conhecimento também é mencionada por Morin (1999): “A linguagem é tão necessária à constituição, à perpetuação, ao desenvolvimento da cultura quanto à inteligência, ao pensamento e à consciência do homem”. Nesse sentido, a linguagem se constitui em um elemento essencial na dinâmica tácito/explicito, para que seja possível a geração de um ‘novo’ conhecimento.

Bakhtin em sua obra ‘Marxismo e Filosofia da Linguagem’, publicada em 1929, menciona que o “O signo e a situação social estão indissolivelmente ligados” e, complementa “Se a língua é determinada pela ideologia, a consciência, portanto o pensamento, a “atividade mental”, que são condicionados pela linguagem, são modelados pela ideologia” (Bakhtin, 1997, p. 17).

Nessa perspectiva, vale destacar a relação entre conhecimento e sociedade, uma vez que a construção de conhecimento por parte do sujeito cognoscente ocorre em um determinado contexto histórico e social. Nesse campo, destaca-se a obra de Bourdieu<sup>2</sup> ‘O poder simbólico’ publicado em 1989, em que discute entre outros conceitos: “Os < sistemas simbólicos >, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade [...]” (Bourdieu, 1998, p. 9).

---

<sup>2</sup> Pierre Bourdieu (1930-2002), sociólogo francês, autor de uma série de obras que contribuíram para renovar o entendimento da Sociologia e da Etnologia no Século XX. Acesso em 12 de agosto, 2022, de [https://www.ebiografia.com/pierre\\_bourdieu](https://www.ebiografia.com/pierre_bourdieu)



Destaca-se, também, os estudos de Mannheim<sup>3</sup> em especial o artigo denominado ‘O Problema da Sociologia do Conhecimento’, publicado em 1925, que discute a percepção dos objetos pelo sujeito cognoscente imerso em um determinado contexto social que, por sua vez, influi na sua compreensão e apropriação, constituindo sua estrutura e o modelo mentais.

Logan (2012, p. 99) define o papel da cultura para a construção de conhecimento “Cultura consiste na informação simbólica que atua como uma ferramenta de adaptação mental [...]. Cultura é o mecanismo pelo qual a aprendizagem das gerações anteriores é passada para a geração seguinte através da comunicação e da interação social”. A construção de conhecimento está relacionada ao meio em que o sujeito cognoscente está inserido, conforme já mencionado anteriormente e, sendo assim, a questão cultural é sem dúvida determinante.

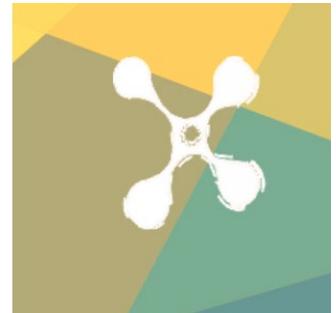
Logan (2012, p. 101) ainda ressalta: “A cultura tem um enorme impacto sobre o pensamento humano e, assim, a mente não é apenas uma extensão do cérebro; em virtude da linguagem, é preciso acrescentar cultura à equação”.

A interação sociedade-sujeito cognoscente é influenciadora de comportamentos e de ações, conforme destacado por Logan (2012, p. 103): “Cada indivíduo numa sociedade é um simbionte com o seu organismo-linguagem e o seu organismo-cultura, A cultura da sociedade é a espécie de todos os organismos culturais individuais na sociedade”.

As inter-relações entre informação, conhecimento e sociedade fazem parte da vida humana que, por sua vez, é dependente dessa tríade para evoluir e agir no mundo.

---

3 Karl Mannheim (1894-1947) idealizador da Sociologia do Conhecimento, investigou os laços sociais entre teorias e modos de pensamento elaborando um modelo de análise sociológica do conhecimento. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <http://karlmannheim.blogspot.com/2010/06/biografia.html>



## **2.4. Gestão do conhecimento**

Conhecimento e informação reviram seus significados para se chegar às premissas básicas da gestão do conhecimento. Segundo Fuller (2016) essa transformação removeu muito da qualidade contemplativa e até etérea das concepções filosóficas clássicas do conhecimento, contribuindo assim para o espírito incisivo e crítico dos gestores do conhecimento.

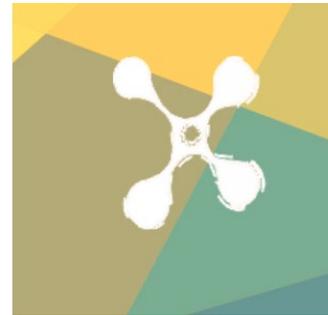
Inicialmente vale destacar a importância do conhecimento para as organizações, visto que muitas atividades desenvolvidas atualmente são baseadas em conhecimento. Várias expressões e termos apareceram ao longo do tempo para de alguma maneira demonstrar as mudanças e transformações que vêm ocorrendo, entre elas pode-se citar: Sociedade do Conhecimento, Organizações do Conhecimento, Economia do Conhecimento, Trabalhadores do Conhecimento etc.

Cline, Hirsch, Mertha e Thompson (2004) ponderam que embora o conhecimento e a gestão do conhecimento sejam termo e expressão difíceis de definir, destacam que tanto pesquisadores e quanto profissionais concordam que, no ambiente de negócios atual, o conhecimento é a fonte de vantagem competitiva sustentável.

Segundo Baskerville e Dulipovici (2006) a gestão do conhecimento surge como um importante campo de pesquisa e de prática, cujos fundamentos teóricos se baseiam na economia da informação, gestão estratégica, cultura organizacional, comportamento organizacional, estrutura organizacional, inteligência artificial, gestão da qualidade e medição de desempenho organizacional.

Dalkir (2005, p. 6) destaca que a gestão do conhecimento apresenta uma natureza multidisciplinar e se alicerça em distintos campos, tais como:

- Ciência Organizacional.
- Ciência Cognitiva.



**International Journal of Knowledge Engineering and Management,**

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

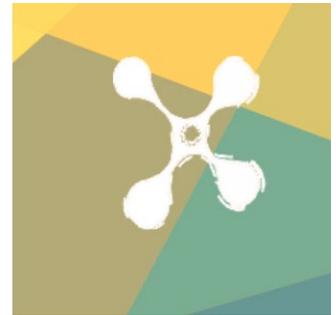
• ISSN 2316-6517 •

• DOI: 1029327 •

- Linguística e Linguística Computacional.
- Tecnologias de Informação, como sistemas baseados em conhecimento, documentos e gerenciamento de informações, sistemas eletrônicos de suporte ao desempenho e tecnologias de banco de dados.
- Ciência da Informação e Biblioteconomia.
- Redação técnica e Jornalismo.
- Antropologia e Sociologia.
- Educação e treinamento.
- Storytelling e Estudos da Comunicação.
- Tecnologias colaborativas, como trabalho colaborativo suportado por computador e groupware, bem como intranets, extranets, portais e outras tecnologias da Web.

A literatura sobre gestão do conhecimento passa a ser mais desenvolvida na Década de 1990. Swan e Scarbrough (2001) mencionam uma significativa expansão da literatura sobre gestão do conhecimento a partir de uma edição especial do *Journal of Management Studies*, de novembro de 1993, que enfocava a temática 'Trabalhadores do Conhecimento e Organizações Contemporâneas', e na medida do possível tentava responder a uma questão crucial que permeia, ainda hoje, as discussões no âmbito da gestão do conhecimento, qual seja: não se refere a se o conhecimento e o trabalho do conhecimento podem ou devem ser gerenciados, mas como?

Thompson, Warhurst e Callaghan (2001) argumentam que sempre houve e continua havendo a necessidade de trabalhadores do conhecimento com habilidades de pensamento que identifiquem e resolvam problemas. Nesse sentido, Baskerville e Dulipovici (2006) mencionam que o conceito de 'capital intelectual' enfatiza o valor do

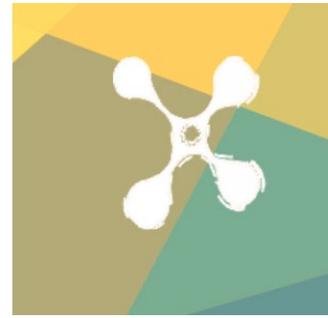


conhecimento no contexto organizacional e, por conseguinte, atribui valor ao trabalhador do conhecimento.

Tsoukas e Vladimirou (2001) definem conhecimento organizacional como sendo a capacidade de os sujeitos organizacionais desenvolverem distinções relativas aos processos de trabalho, em contextos concretos particulares, estabelecendo conjuntos de generalizações, cuja aplicação depende de entendimentos coletivos historicamente evoluídos.

Nesse sentido, Wiig (1999) destaca que o principal objetivo da gestão do conhecimento é proporcionar inteligência à organização. Para tanto, as pessoas necessitam ser motivadas a desenvolverem conhecimentos, competências, habilidades e atitudes que a tornem inteligente, e explica que o conhecimento no contexto organizacional possibilita:

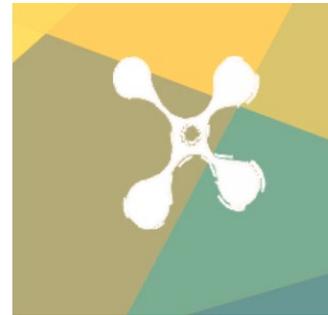
- Aprendizagem aprimorada ao fornecer *insights* sobre métodos e opções eficazes para adquirir e criar conhecimento, como organizar esse conhecimento e quais áreas podem ser buscadas com maior retorno. Capacidade de ficar à frente da concorrência e das mudanças, por meio de uma maior compreensão das mudanças do mercado, bem como para adquirir ou desenvolver novos conhecimentos. \* Resolução de problemas e tomada de decisão, fornecendo métodos e conhecimentos mais adequados aplicados aos problemas, entendendo melhor as implicações e trabalhando mais próximo de outras pessoas no contexto organizacional. \* Trabalho de conhecimento de qualidade, fornecendo conhecimento organizado e customizado, bem como maior capacidade de lidar com situações não rotineiras, colaborando e encontrando outras formas de agregar conhecimento. \* Inovação e criatividade, proporcionando melhor compreensão das situações e conhecimento de métodos



para ser criativo e inovador. \* Conhecimento aprimorado incorporado aos produtos e serviços, fornecendo um corpo de conhecimento para ser extraído, maior experiência em como incorporar e fornecer conhecimento e maior compreensão de qual conhecimento é importante incluir. \* Networking e colaboração mais eficazes, fornecendo aos indivíduos melhores abordagens para trabalhar em equipe, maior compreensão das outras pessoas, *insights* sobre o que os outros podem contribuir e como integrar suas contribuições e valor ao resultado geral. \* Vigilância e comportamento enérgico, proporcionando uma melhor compreensão das opções disponíveis e o valor de perseguir essas opções. Reduz os custos psicológicos associados às incertezas da aplicação dos métodos. \* Comportamento ético, fornecendo *insights* profundos sobre as consequências das ações e crenças e valores mais congruentes e consistentes (Wiig, 1999, pp. 6-7).

Para Wiig (1999) quatro fatores são importantes na gestão do conhecimento: a) criar, adquirir e explorar conhecimento competitivo para manter a posição de liderança da organização; b) gestão diária do conhecimento, de modo a gerenciar a organização de maneira inteligente e eficaz; c) construir conhecimento voltado à inovação, visando aumentar a experiência e a capacidade de buscar novas oportunidades; d) desenvolver uma visão dos ativos de conhecimento existentes na organização.

A gestão do conhecimento se refere a gestão sistemática de ativos de conhecimento de uma organização, cuja finalidade é criar valor e atender aos requisitos táticos e estratégicos, consiste em iniciativas, processos, estratégias e sistemas que sustentam e aprimoram o armazenamento, avaliação, compartilhamento, refinamento e criação de conhecimento (Hajric, 2018, p.24).

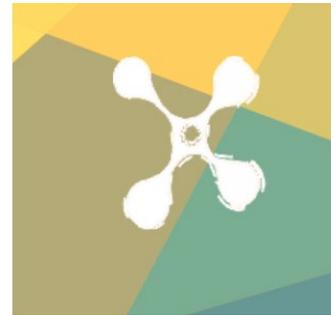


A gestão do conhecimento pode ser realizada sob diferentes enfoques, isso depende dos objetivos da organização para realizá-la, uma vez que pode aplicar modelos, métodos, técnicas e instrumentos específicos, visando atender suas necessidades de conhecimento. Para Alavi e Leidner (2001, p. 113) é essencial entender as taxonomias do conhecimento, pois estas podem subsidiar o modelo de gestão do conhecimento a ser aplicado em um determinado contexto organizacional (Quadro 1).

**Quadro 3** - Taxonomias e Exemplos de Conhecimento.

Tipos de Conhecimento	Definições	Exemplos
Tácito	O conhecimento está enraizado em ações, experiências e envolvimento em um contexto específico	Melhor meio de lidar com clientes específicos
Tácito cognitivo	Modelos mentais	Crença do indivíduo nas relações de causa-efeito
Tácito técnico	Saber-como - aplicável a trabalhos específicos	Habilidades em cirurgia
Explícito	Conhecimento generalizado e articulado	Conhecimento dos principais clientes de uma região
Individual	Criado por e inerente ao indivíduo	<i>Insights</i> obtidos a partir de um projeto concluído
Social	Criado por e inerente às ações coletivas de um grupo	Normas de comunicação entre grupos
Declarativo	Saber-sobre	Qual medicamento é apropriado para uma doença
Processual	Saber-como	Como administrar um determinado medicamento
Causal	Saber-porque	Entendendo por que a droga funciona
Condicional	Saber-quando	Entendendo quando prescrever o medicamento
Relacional	Saber-com	Compreender como o medicamento interage com outros medicamentos
Pragmático	Conhecimento útil para uma organização	Melhores práticas, estruturas de negócios, experiências de projeto, desenhos de engenharia, relatórios de mercado

Fonte: Traduzido de Alavi e Leidner (2001, p. 113).

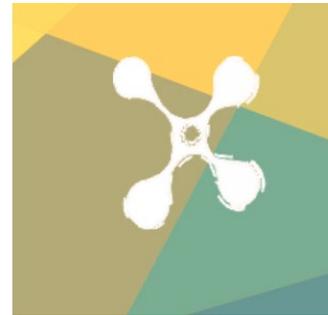


Aarons (2006) busca entender os usos do conhecimento para lidar efetivamente com as tarefas práticas que envolvem a atividade baseada em conhecimento. Nesse intuito, enfoca o conhecimento à medida que é gerado, compartilhado, armazenado e usado no ambiente organizacional.

Uma discussão presente na literatura sobre gestão do conhecimento se refere a dois tipos de conhecimento: tácito e explícito. Nesse intuito, Sharma (2021, p. 920) ressalta que “A inextricável relação entre conhecimento tácito e explícito indica que somente pessoas com certo grau de conhecimento mútuo podem realmente trocar informações: se há conhecimento tácito essencial para a interpretação de conhecimento específico, então, para que o Indivíduo B compreenda o conhecimento do Indivíduo A, suas bases de conhecimento subjacentes devem ter alguma sobreposição”.

Segundo Dalkir (2005) não há uma definição de gestão do conhecimento totalmente aceita, entretanto, a maioria dos pesquisadores e profissionais concordam que envolve, tanto o conhecimento tácito quanto o explícito com o objetivo de agregar valor à organização.

Nonaka (1994) define duas dimensões relacionadas a construção de conhecimento: epistemológica e ontológica, cujos processos envolvidos são denominados de “espiral do conhecimento”. Nessa perspectiva, destaca quatro modos de conversão entre conhecimento tácito e explícito: *“(1) de conhecimento tácito para conhecimento tácito; (2) de conhecimento explícito para conhecimento explícito; (3) de do conhecimento tácito ao conhecimento explícito; (4) do conhecimento explícito ao conhecimento tácito”* (Nonaka, 1994, p. 18). Esse modelo de conversão do conhecimento foi denominado de Modelo SECI que corresponde ao acrônimo das iniciais dos termos em inglês (*socialization, externalization, combination, internalization*).



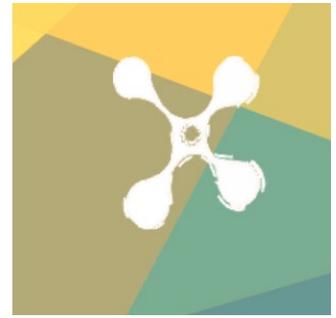
Nonaka (1994) explica que a socialização possibilita converter conhecimento tácito em explícito, por meio da interação entre indivíduos, ou seja, por meio de uma experiência compartilhada; a combinação envolve os processos sociais para combinar diferentes corpos de conhecimento explicitados; a externalização ressalta a ideia de que o conhecimento tácito e o explícito são complementares e podem se expandir ao longo do tempo, por meio de um processo de interação mútua; a internalização guarda alguma semelhança com a noção tradicional de aprendizagem.

Outro conceito importante no âmbito da gestão do conhecimento se refere a 'ba', que conforme Nonaka e Konno (1998) explicam é originário do filósofo japonês Kitaro Nishida. Segundo os autores o conceito de 'ba' se refere a um espaço compartilhado que pode ser físico, virtual, mental ou a combinação destes, isto é, se baseia em um espaço voltado a interação humana visando a criação de conhecimento.

Nessa perspectiva, Malhotra (2000b) afirma que os aspectos humanos que envolvem a criação de conhecimento requerem: imaginação e criatividade latentes às mentes humanas; dimensões tácitas inexploradas; subjetividade e atribuição de significado que faz a base do conhecimento.

Propõe um modelo em que enfoca: a) dimensão tácita para a criação de conhecimento; b) bases de conhecimento subjetivas, interpretativas e sensoriais; c) construção de sentido na criação de conhecimento; d) natureza social interativa do conhecimento (Malhotra, 2000a). Ressalta a necessidade estratégica de as organizações criarem e recriarem as bases teóricas, conceituais e pragmáticas para construção de 'novo' conhecimento (Malhotra, 2000a).

Para Koenig (1998) a gestão do conhecimento aprimora o compartilhamento e a colaboração entre os sujeitos organizacionais, cujos resultados obtidos podem ser: inovação, em áreas de alta interação e conhecimento individual; competência, em áreas

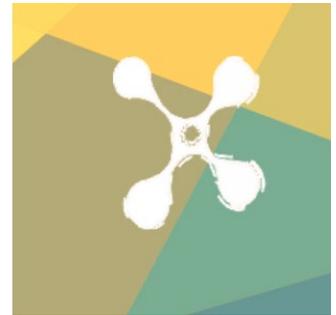


de baixa interação e conhecimento individual; responsividade, em áreas de alta interação e conhecimento do grupo; produtividade, em áreas de baixa interação e conhecimento do grupo.

Davenport e Prusak (1998b) explicam que as organizações reconhecem o conhecimento como um ativo, no entanto, entender a necessidade de gerenciá-lo com o mesmo cuidado dispensado a outros elementos para obter valor é relativamente novo e, sendo assim, a gestão do conhecimento pode e deve ser incorporada e implementada, pois segundo eles *“Em uma economia global, o conhecimento pode ser a maior vantagem competitiva de uma empresa”* (Davenport & Prusak, 1998b, p. 13).

Hall e Paradice (2005) acreditam que a quantidade de conhecimento compartilhado no ambiente organizacional afeta a especificidade do conhecimento. Segundo estes autores, quanto menos compartilhamento de conhecimento, mais específico se torna o conhecimento. Por outro lado, à medida que a organização compartilha conhecimento, a especificidade é reduzida, ou seja, quanto mais conhecimento for compartilhado, mais potencial ele tem de afetar múltiplos domínios de decisão, reduzindo assim sua especificidade.

Choo (2003) destaca que uma organização que queira aplicar a gestão do conhecimento necessita executar bem três processos, quais sejam: geração, codificação e transferência de conhecimento. Para Choo (2003) a geração de conhecimento se refere às atividades que aumentam o estoque de conhecimento organizacional; a codificação se refere ao mapeamento dos sujeitos organizacionais construtores de conhecimento; para haver a transferência de conhecimento, a organização necessita criar espaços em que ocorram a troca e o compartilhamento de conhecimento.

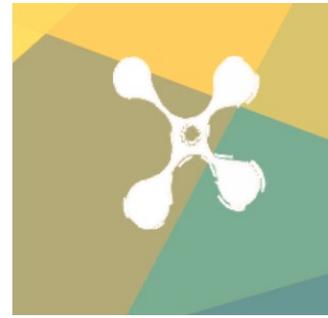


Um elemento determinante para que a gestão do conhecimento ocorra é a cultura organizacional. Nessa perspectiva, Caruso (2017) enfoca quatro áreas de particular importância para o compartilhamento de conhecimento: cultura organizacional, aprendizagem informal, apoio ao desempenho e gestão do conhecimento. Segundo esta autora, em vez de controlar o compartilhamento de conhecimento, as organizações criam condições organizacionais para que ele ocorra, por meio de eventos, feiras, fóruns, entre outros.

Além dos enfoques e compreensões sobre gestão do conhecimento apresentados por meio dos autores supracitados, não se pode deixar de comentar que ao longo do tempo, vários modelos de gestão do conhecimento e de modelos de maturidade de gestão do conhecimento foram elaborados e aplicados, contribuindo significativamente para o aprimoramento da aplicação da gestão do conhecimento em contextos organizacionais. No entanto, a literatura sobre esses modelos não são objeto deste texto.

A literatura sobre gestão do conhecimento é significativa para distintos campos do saber, uma vez que faz parte da vida em sociedade, seja no âmbito organizacional em seus distintos segmentos econômicos, seja no âmbito da relação humana, seja no que tange ao contexto sócio-histórico.

A partir do resgate histórico das correntes teóricas sobre conhecimento, verifica-se compreensões antagônicas e mediadoras que ao longo do tempo foram se consolidando. Na Antiguidade não se sabia muitas coisas sobre o processamento cognitivo ou sobre como o cérebro funciona, diferentemente do que já sabemos atualmente. Essa máquina hiper complexa como nomeia Morin (1999) possibilita ao sujeito cognoscente a percepção e a representação de fenômenos que residem no



mundo, para tanto utiliza os receptores sensoriais químicos (olfato, paladar), mecânicos (tato, fala, audição) e luminosos (visão).

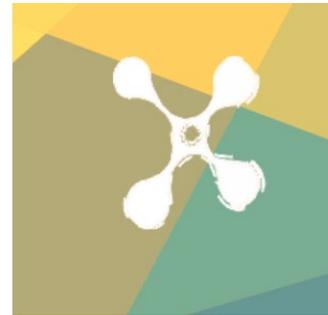
A linguagem tem papel fundamental nesses processos, conforme mencionado anteriormente, ela propicia vida ao pensamento “[...] a linguagem fez o homem que a fez; assim como fez a cultura que a produziu” (Morin, 1999, p. 133).

O sujeito cognoscente necessita de condições cognitivas para inicialmente perceber sua própria carência de conhecimento, que ao percebê-la poderá buscar na massa de dados disponíveis ou ao seu alcance àqueles que potencialmente podem atender plenamente ou parcialmente essa carência. A partir desta ação inicial, se compreendê-los poderá se apropriar e internalizá-los, estabelecendo inter-relações como o que já conhece, gerando ‘novo’ conhecimento ou conhecimento incremental (Valentim, 2013).

Na atualidade o valor atribuído ao conhecimento está relacionado ao denominado ‘capital intelectual’, ou seja, material e imaterial se entrecruzam, contexto em que coloca o sujeito cognoscente construtor de conhecimento em destaque. Várias questões problemáticas residem nessa relação e, por isso mesmo, a gestão do conhecimento em ambientes organizacionais, principalmente os competitivos, deve ser conduzida de modo ético.

Gorz (2005, p. 59) explica que “O saber não é uma mercadoria qualquer, seu valor (monetário) é indeterminável; ele pode, uma vez que é digitalizável, se multiplicar indefinidamente e sem custos; sua propagação eleva sua fecundidade, sua privatização a reduz e contradiz sua essência”.

Se por um lado a gestão do conhecimento pode contribuir enormemente para o avanço da sociedade, em especial ressalta-se seu papel no contexto organizacional, visto que pode propiciar diferenciais que impactam na atuação e na competitividade, por outro lado, a crítica de Gorz deve ser levada em consideração.



Além disso, não se pode deixar de mencionar a inteligência artificial e a aprendizagem de máquina, tecnologias emergentes que vem transformando as relações sociais e organizacionais. Como será o futuro tecnológico e qual o papel do sujeito cognoscente nesse futuro como construtor de conhecimento?

A esta pergunta não é possível dar uma resposta satisfatória, mas a gestão do conhecimento como modelo de gestão deve considerar todos os aspectos que envolvem o conhecimento humano em suas distintas formas e possibilidades.

### **3. Conclusões**

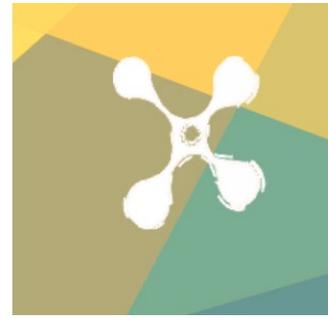
A proposição desta apresentação é realizar uma breve revisão descritiva histórica e epistemológica do vocábulo conhecimento e de teorias que subsidiam os fenômenos relacionados a gestão do conhecimento.

Uma análise descritiva entre os principais aspectos da fundamentação teórica sobre o conhecimento e seus desdobramentos relacionados a gestão do conhecimento instigam a importância da validação dos tipos de conhecimento através da investigação científica.

É a partir da validação que o conhecimento pode ser compartilhado, conseqüentemente, aceito ou negado para que novos desdobramentos de conhecimento sejam criados.

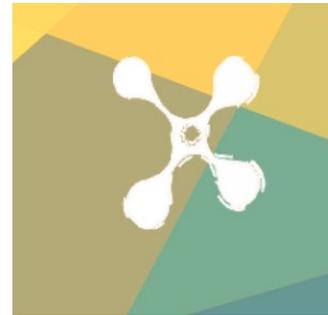
Um dos principais desdobramentos do vocábulo é a gestão do conhecimento que determina e promove a condição para o aprendizado em diferentes esferas sociais.

Na seqüência, apresentam-se os demais artigos inseridos nesta parte I e II do dossiê que convergem para a relação construída neste texto.



### Referências

- Aarons, J. (2006). Epistemology and knowledge management. In D. G. Schartz (Ed.), *Encyclopedia of knowledge management* (pp. 166-172). Idea Group, 897p.
- Abel, G. (2014). Systematic knowledge research. Rethinking epistemology. *Rivista Internazionale di Filosofia e Psicologia*, 5(1), 13-28. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <https://www.rifp.it/ojs/index.php/rifp/article/view/rifp.2014.0002>.
- Ackoff, R. L. (1989). From data to wisdom. *Journal of Applied Systems Analysis*, 16(1), 3-9. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <http://www-public.imtbs-tsp.eu/~gibson/Teaching/Teaching-ReadingMaterial/Ackoff89.pdf>.
- Alavi, M., & Leidner, D. E. (2001). Review: Knowledge management and knowledge management systems: Conceptual foundations and research issues. *MIS Quarterly*, 25(1), 107-36. <https://doi.org/10.2307/3250961>
- Bakhtin, M. M. (1997). *Marxismo e filosofia da linguagem* (8a ed.). Hucitec, 196p.
- Baskerville, R., & Dulipovici A. (2006). The theoretical foundations of knowledge management. *Knowledge Management Research & Practice*, 4(2), 83-105. <https://doi.org/10.1057/palgrave.kmrp.8500090>
- Bourdieu, P. (1998). *O poder simbólico* (2a ed.). Bertrand Brasil, 322p.
- Caruso, S. J. (2017). A foundation for understanding knowledge sharing: Organizational culture, informal workplace learning, performance support, and knowledge management. *Contemporary Issues in Education Research*, 10(1), 45-52. <https://doi.org/10.19030/cier.v10i1.9879>
- Cline, S., Hinsch, C., Mertha, I., & Thompson, M. (2004). Knowledge management. In S. Cline, C. Hinsch, I. Mertha, & M. Thompson, *Information systems: theory and*



**International Journal of Knowledge Engineering and Management,**

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

• ISSN 2316-6517 •

• DOI: 1029327 •

*practice*. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <http://ist.umsl.edu/files/pdfs/BOV04-2.pdf>

Choo, C. W. (2003). Perspectives on managing knowledge in organizations. *Cataloging & Classification Quarterly*, 37(1-2), 205-220. [https://doi.org/10.1300/J104v37n01\\_14](https://doi.org/10.1300/J104v37n01_14)

Dalkir, K. (2005). *Knowledge management in theory and practice*. Elsevier Butterworth-Heinemann, 356p.

Davenport, T. H., & Prusak, L. (1998a). *Ecologia da informação: por que só a tecnologia não basta para o sucesso na era da informação*. Futura, 316p.

Davenport, T. H., & Prusak, L. (1998b). *Working knowledge: How organizations manage what they know*. Harvard Business School Press.

Fuller, S. (2016). *Knowledge management foundations*. Routledge, 296p.

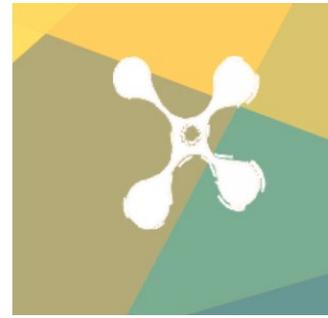
Gorz, A. (2005). *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. Annablume, 108p.

Hajric, E. (2018). *Knowledge management: A theoretical and practical guide for knowledge management in your organization*. Kindle Edition, 252p.

Hall, D. J., & Paradice, D. (2005). Philosophical foundations for a learning-oriented knowledge management system for decision support. *Decision Support Systems*, 39(3), 445-461. <https://doi.org/10.1016/j.dss.2004.01.005>

Hessen, J. (2000). *Teoria do conhecimento*. Martins Fontes, 177p.

Ilharco, F. (2003). *Filosofia da informação*. Universidade Católica Editora, 202p.



**International Journal of Knowledge Engineering and Management,**

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

• ISSN 2316-6517 •

• DOI: 1029327 •

Koenig, M. E. D. (1998). From intellectual capital to knowledge management: what are they talking about? *Inspel*, 32(4), 222-233. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <https://archive.ifla.org/VII/d2/inspel/98-4koem.pdf>

Logan, R. K. (2012). *Que é informação? A propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera*. Contraponto: 274p.

Malhotra, Y. (2000b). Knowledge management and new organization forms: A framework for business model innovation. *Information Resources Management Journal*, 13(1), 5-14. <https://doi.org/10.4018/irmj.2000010101>

Malhotra, Y. (2000a). From information management to knowledge management: beyond the 'hi-tech hidebound' systems. In K. Srikantiah & M. Koenig (Eds.), *Knowledge management for the information professional* (pp. 37-61). Information Today.

Mannheim, K. (1967). O problema de uma sociedade do conhecimento. In K. Mannheim, R. K. Merton, & C. Wright-Mills, *Sociologia do conhecimento*. Zahar.

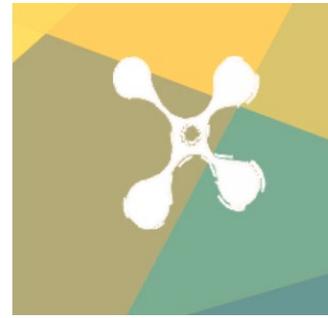
Maturana, H. R., & Varela, F. J. (2001). *A árvore do conhecimento: as bases da compreensão humana*. Palas Athena, 283p.

Morin, E. (1999). *O método: O conhecimento do conhecimento*. Sulina, 288p.

Morin, E. (2003). *Ciência com consciência* (7a ed.). Bertand Brasil, 344p.

Nonaka, I. (1994). A dynamic theory of organizational knowledge creation. *Organization Science*, 5(1), 14-37. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <https://www.jstor.org/stable/2635068>

Nonaka, I., & Konno, N. (1998). The concept of "ba": Building a foundation for knowledge creation. *California Management Review*, 40(3), 40-54. <https://doi.org/10.2307/411659>



**International Journal of Knowledge Engineering and Management,**

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

• ISSN 2316-6517 •

• DOI: 1029327 •

Online Etymology Dictionary. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <https://www.etymonline.com/>

Piaget, J. *Biologia e conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos*. Vozes, 423p.

Polanyi, M. (1983). *The tacit dimension*. Peter Smith, 108p.

Polanyi, M. (1962). *Personal knowledge: Towards a post-critical Philosophy*. Routledge & Kegan Paul, 493p.

Polanyi, M. (1966). The logic of tacit inference. *Philosophy*, 41(155), 1-18. Acesso em 12 de agosto, 2022, de <https://www.jstor.org/stable/3749034>

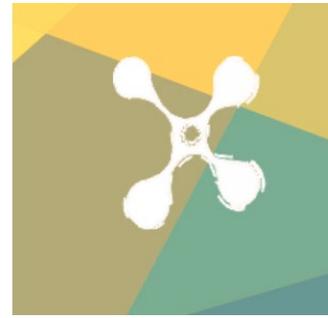
Sharma, D. (2021). Knowledge management and knowledge management systems: Conceptual foundations. *Journal of Contemporary Issues in Business and Government*, 27(3), 918-924. Acesso em 12 de agosto, 2022, de [https://cibgp.com/article\\_10936\\_f47983f36e3ce17572619e0124bc1d9e.pdf](https://cibgp.com/article_10936_f47983f36e3ce17572619e0124bc1d9e.pdf)

Swan, J., & Scarbrough, H. (2001). Knowledge management: Concepts and controversies. *Journal of Management Studies*, 38(7), 913-921. <https://doi.org/10.1111/1467-6486.00265>

Thompson, P., Warhurst, C., & Callaghan, G. (2001). Ignorant theory and knowledgeable workers: Interrogating the connections between knowledge, skills and services *Journal of Management Studies*, 38(7), 923-942. <https://doi.org/10.1111/1467-6486.00266>

Tsoukas, H., & Vladimirou, E. (2001). What is organizational knowledge? *Journal of Management Studies*, 38(7), 973-993. <https://doi.org/10.1111/1467-6486.00268>

Valentim, M. L. P. (2013). A importância do compartilhamento de conhecimento em ambientes empresariais. In R. de B. Cianconi, R. I. N. Cordeiro, & C. H. M. de



**International Journal of Knowledge Engineering and Management,**

Florianópolis, v. 11, n. 29, p. 41-75, 2022.

• ISSN 2316-6517 •

• DOI: 1029327 •

Almeida (Eds.), *Gestão do conhecimento, da informação e de documentos em contextos informacionais* (pp. 59-79). (Estudos da Informação, 3). Editora UFF, 298p.

Vigotski, L. S. (1998). *Pensamento e linguagem* (2a ed.). Martins Fontes, 194p.

Wiig, K. M. (1993). *Knowledge management foundations -- thinking about thinking --: How people and organizations create, represent, and use knowledge* (Vol. 1). Schema, 428p.

Wiig, K. M. (1999). *The intelligent enterprise and knowledge management*. Knowledge Research Institute, 26p.

Wurman, R. S. (1995). *Ansiedade de informação: Como transformar informação em compreensão* (5a ed.). Cultura Editores, 380p.

## **Agradecimentos**

As autoras agradecem ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina, em especial às professoras Patricia de Sá Freire e Clarissa Steffani Teixeira e à pós-doutoranda Fabiane Frois B. Weiler pela oportunidade de produzir esse dossiê temático, que contou com a participação de ilustres autores nacionais e estrangeiros engajados nas inter-relações entre gestão da informação e gestão do conhecimento.